

Editorial

Caras leitoras e caros leitores,

Demorou mais que o planejado o lançamento desse número da *Revista de História*. Aprendendo, sempre, e lidando com as limitações de praxe, estamos nos esforçando para garantir a periodicidade proposta e nos empenhando em melhorar os mecanismos internos, buscando a cada edição aumentar a organização e a agilidade.

Se a vida é longa e dura (e, no nosso caso, como jovens estudantes, tem sido mais dura que longa), às vezes é deveras gratificante. O reconhecimento da Revista de História pode ser medido tanto pelo número de visitas ao nosso sítio internet quanto pela quantidade de artigos que recebemos — desta feita, e como tem acontecido sempre, tivemos um novo recorde. Com isso, a variação de temas e, principalmente, de recortes geográficos nunca foi tão grande.

Nesta edição publicamos artigos que abrangem desde a história política à das religiões — das divisões no seio do MDB e da Arena no contexto das eleições parlamentares de 1974 na Bahia, até uma análise da relação entre as ordens mendicantes e o papado nas primeiras hagiografias franciscanas, no século XIII.

O tema dos fluxos e das trocas globais, que vem ganhando espaço na historiografia nas últimas décadas, se apresenta aqui em duas facetas bastante diversas. Podemos ler uma revisão crítica do trabalho pioneiro do historiador ambiental Alfred Crosby, em busca de uma abordagem da enfermidade na história, assim como um trabalho sobre os fluxos migratórios

contemporâneos de uma cidade brasileira em direção aos Estados Unidos, com especial atenção aos impactos do desenvolvimento tecnológico para a formação e manutenção de redes de sociabilidades transnacionais.

As historiadores e os historiadores da cultura, especialmente os que a relacionam com política foram os mais contemplados nesta edição. A relação entre música popular e identidade nacional brasileira é abordada em nosso primeiro artigo publicado em espanhol (uma prática em que a *Revista de História* pretende perseverar, atenta à sua proposta de proporcionar um espaço cada vez mais amplo para o debate historiográfico). Em outro artigo sobre música, a trajetória do blues — de sua emergência como gênero musical no baixo Mississípi a suas implicações no Movimento pelos Direitos Civis das décadas de 1950 a 1970 nos Estados Unidos — nos fornece uma rara oportunidade de aprender sobre a música negra estadunidense.

Na resenha do livro de Carlos Zacarias Sena Jr., *Os impasses da estratégia: os comunistas, o antifascismo e a revolução burguesa no Brasil*, o estudo sobre o Partido Comunista Brasileiro frente a uma das maiores encruzilhadas da sua história é-nos apresentado de forma precisa e minuciosa. Outra resenha apresenta a obra de Durval Muniz de Albuquerque Jr., *Nordestino: uma invenção do falo — uma história do gênero masculino (Nordeste — 1920/1940)*, chamando a atenção para o fato de que a motivação para fazer História não vem do passado, mas sim do presente, dos conflitos e inquietações contemporâneos. Nessa linha, e continuando no campo dos estudos de gênero, publicamos uma entrevista com Rachel Sohiet. Sendo a primeira historiadora entrevistada em nossas páginas, inspiramo-nos em seu trabalho, fundamental para o desenvolvimento da História das Mulheres no Brasil, para refletir sobre o uso da linguagem aqui mesmo — não foi por acaso que abrimos esse editorial cumprimentando especialmente as “caras leitoras”.

Para a publicação desta edição gostaríamos de agradecer à paciência à dedicação do Conselho Editorial e de todos autores, revisores e pareceristas que contribuíram para a concretização desta publicação. Agradecimentos especiais são devidos ao Departamento de História e à coordenação do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia.

Boa leitura!